

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de psicologia

Matheus Castro Alves

**Quando a lágrima não cai: reflexões acerca das masculinidades  
e suas relações com adolescentes suicidas**

Porto Alegre

2022

<b>Agradecimentos</b>	<b>3</b>
<b>Resumo</b>	<b>4</b>
<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Suicídio: Uma epidemia invisível</b>	<b>6</b>
<b>Adolescência: O rito de passagem esvaziado</b>	<b>14</b>
<b>Masculinidade(s): O que basta para ser homem?</b>	<b>21</b>
<b>Silêncios ensurdecadores</b>	<b>25</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>28</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>29</b>

# Agradecimentos

Não haveria um trabalho se não fosse pelas pessoas que irei pôr nesse singelo agradecimento, afinal, sem a possibilidade de apoio não há como perdurar, sozinho não seria capaz. Primeira de todas as pessoas gostaria de agradecer minha mãe, Inahιά, que desde minha ida para casa tinha em mente a ida para a universidade, feito incomum na realidade onde vivi minha vida até então. Se não fosse pelo apoio à educação e pela dedicação ímpar em conseguir fornecer a possibilidade, eu possivelmente jamais teria adentrado esse meio e encontrado a psicologia. Eu tive muitas sortes na minha vida, fatores que pareciam difíceis de acontecer, mas que ocorreram, e ter sido adotado por uma mãe tão cuidadosa certamente foi o maior deles. Minha mãe me ensinou a ser carinhoso, cuidadoso e se não fosse por ela esse tema talvez nunca fosse escolhido.

Agradeço muito também ao meu orientador Amadeu Weinmann que me acolheu em uma situação delicada da minha jornada acadêmica e topou seguir esse caminho, me sinto honrado por ter tido essa chance, é uma pessoa que admiro muito tanto no nível pessoal como profissional e ter esse percurso orientado por ele certamente fez com que eu alcançasse lugares que não seria capaz sozinho. Foi através de uma de suas disciplinas eletivas, sobre feminilidade, que obtive primeiro contato com a perspectiva de questionar o gênero masculino, sendo assim há uma conexão única entre como esse trabalho foi realizado e a partir de onde surgiu. Tuas palavras me fizeram compreender muito mais sobre o que eu buscava na universidade do que creio ter sido capaz de dizer.

Outra pessoa que merece um agradecimento é meu amigo Emilson Silva por sua amizade. Foram diversas as noites em que tive a companhia para poder escrever sem estar só sob os sons das teclas e certamente tua presença foi essencial para que eu conseguisse ordenar tudo que tinha na mente nas páginas deste trabalho. Sua escuta e curiosidade acerca do meu trabalho ajudaram a criar algo menos difuso e compreensível para o máximo de pessoas possível.

Enfim um agradecimento à minha avó que infelizmente faleceu, mas que sonhou com esse momento, sem a senhora eu nunca estaria aqui, obrigado por me ensinar a acreditar na perseverança.

A todos que me apoiaram e acreditaram um muito obrigado, esse trabalho não é só meu, é uma construção nossa e fico feliz de poder ter tido vocês em minha jornada. Obrigado a todos e até a próxima!

## Resumo

O trabalho busca compreender quais as influências e dinâmicas que tornam possível a taxa de mortalidade em adolescentes e jovens adultos estar crescendo nos últimos quinze anos, principalmente no que tange ao público masculino. Para isso foram elencados conceitos sobre adolescência e masculinidade e foi realizada uma interlocução com os dados estatísticos dos últimos vinte anos sobre essas mortes a fim de possibilitar essa conversa. Esse trabalho se ampara em obras ficcionais que, ainda que não reais, nos contam como a sociedade vê esses temas, entre elas estão *juventude transviada* e *13 reasons why*. Buscou-se encontrar como as masculinidades operam nesse período angustiante da adolescência e como a não normatividade pode ser causadora de sofrimento intenso, podendo ser uma das possíveis causas para suicídios adolescentes. Esse trabalho não contou, entretanto, com uma abordagem que levasse em questão classe e raça, o que certamente impõe um limite, porém não o torna ordinário.

# Introdução

A psicologia, e toda a área da saúde, tem nas últimas décadas voltado seu olhar e escuta cada vez mais para o suicídio e seus desdobramentos, principalmente devido ao aumento gradativo dos números de casos que vem ocorrendo - e que permanecem subindo, principalmente na América do Sul, ainda que o Brasil se mantenha abaixo da média global. A média mundial de 700 mil mortos anuais demonstra a necessidade de se falar mais sobre o assunto; contudo, o suicídio ainda é considerado um tabu social, tanto pela capacidade que parece possuir de transmitir sua influência sobre as pessoas (Durkheim, 2000) quanto pela incapacidade que a sociedade tem de lidar com o tema da morte.

Além disso, mortes por causas autoinflingidas são a quarta maior causa de óbitos entre jovens de 15 a 29 anos em números globais, se tornando a segunda maior causa nacionalmente. Este número se torna ainda mais preocupante quando confirmamos na literatura que é um dos índices que vem aumentando com maior velocidade entre os anos de 2000 a 2019. Sendo assim é de peculiar interesse conhecermos as razões pelas quais se dá esse aumento e como é possível que haja uma prevenção efetiva dessas mortes. Para conseguir refletir acerca do tema foi necessário compreender inicialmente como se dão os mecanismos da adolescência, seus agrupamentos, inclinações e comportamentos. Algumas questões se impõem: existe um modelo de juventude que seja mais inclinada ao suicídio? Quais as razões pelas quais a adolescência tem se tornado mais suscetível a matar-se? E por que há um número maior de jovens homens morrendo desse modo, ainda que este seja um dado considerado normalizado? A partir dessas questões, comecei a perguntar o que há nos homens que fornece o material para buscarem seu próprio fim, físico e mental, e se a masculinidade e suas diretrizes podem compor parte do cenário que leva a esta trilha. Sabendo que o suicídio é uma situação que envolve diversas causas inclusive a social tal como nos informa Durkheim em seu clássico escrito, será impressionante se por acaso a literatura e nossas reflexões forem para outro caminho.

Tendo em vista o vazio de conhecimento adquirido por meio da universidade acerca do tema me senti pressionado a ir encontrar na literatura algumas das respostas que considero necessárias para minha prática futura. Contudo, somente os escritos e dados estatísticos não dizem por si só de como a sociedade vê este tabu - tabu tão grande capaz de se excluir das disciplinas de psicologia- e foi então que decidi utilizar outras ferramentas para me amparar. Inspirando-me no excelente livro de Mário e Diana Corso “Adolescência em cartaz: filmes e

psicanálise para entendê-la”, escolhi algumas obras audiovisuais para me apoiarem nesta escrita de assunto complexo, pois é através da cultura que liberamos nossos medos, amores, tristezas e insatisfações, enfim, nossos desejos. Filmes e seriados são uma representação fragmentada de como a sociedade vê e lida com suas morais, normas, impedimentos e permissões, eles nos contam através de histórias ficcionais a realidade e como ela opera, não à toa algumas se destacam de tempos em tempos. *13 reasons why*, seriado inspirado na obra homônima de Jay Asher, causou toda uma onda de questões sobre como abordar o suicídio em tela e a responsabilidade social que as produções artísticas possuem ao tomarem para si esta tarefa.

Enfim, com todas essas questões colocadas me direciono a refletir como a(s) masculinidade(s) podem operar sobre homens e mulheres na faixa do desenvolvimento adolescente em relação ao suicídio.

## Suicídio: Uma epidemia invisível

O suicídio é um problema de saúde pública a nível global com cerca de 700 mil mortes anuais ao redor do globo e mais de 110 mil no Brasil entre os anos de 2010 e 2019, isso faz com que as autoridades estejam a cada ano investigando estratégias de combate e prevenção a esta situação. O comportamento suicida está relacionado em até 80% a indivíduos que possuem algum transtorno mental, sendo mais comum uma correlação de depressão. Sendo assim é inegável que haja uma atenção maior a esses sujeitos e que na cultura popular se associe comumente o suicídio a este motivo. Contudo, há uma porcentagem significativa onde essa correlação não se aplica. Através do clássico de Durkheim, podemos refletir sobre em que se baseia este acontecimento. Em seu escrito o sociólogo buscou demonstrar como o suicídio, por mais que seja um fenômeno essencialmente individual, demonstra em escala macro algo da esfera social. Através de dados da época (segunda metade do século XIX) e de uma busca impressionante de estatísticas, o autor provou existirem três modelos de suicídio, o egoísta, o altruísta e o anômico. Cada um destes modelos atua nos sujeitos de maneira singular, moldando-os de acordo com a sociedade e o meio onde vivem e convivem. Para Durkheim a relação que o sujeito estabelece com os laços sociais influencia diretamente em como a pessoa se conecta com a vida. Em sua época, ainda na Europa do final do século XIX,

Durkheim conseguiu demonstrar através da sociedade vitoriana, majoritariamente católica e protestante, onde o conceito de adolescência ainda sequer existia como o conhecemos na atualidade - inclusive em diversos trechos o autor cita jovens púberes como crianças - e analisou cuidadosamente o aumento da taxa de suicídios ocorridos naquele período. Existe um certo perigo em abordar a temática do suicídio como exclusivo de sujeitos com transtornos mentais, como é de senso comum porque seria razoavelmente difícil encontrar as causas que motivaram todos eles. Afinal, o suicida é aquele que se foi sem deixar rastro de fala, o interlocutor conversa com ele, porém o máximo que terá são as questões deixadas e os sinais, às vezes na forma de um pequeno papel deixado no local; aquele que morre por desejo próprio vive em um ambiente múltiplo e possui diversas correntes de significação que o atravessam, é simplório vermos tal situação de morte como vinculada a um dado específico.

O suicídio vem sofrendo, assim como na época de Durkheim, um aumento significativo de sua porcentagem tanto no mundo quanto no Brasil, onde vemos que a taxa aumentou até 80% em algumas regiões na última década e meia, se tornando a segunda maior causa de morte entre adolescentes e tendo como região com maior “periculosidade” a sul, onde alcança quase o dobro da média nacional. Ao analisar este dado, a seguinte pergunta se faz: qual a razão pela qual este número aumentou tanto, principalmente na população jovem? Segundo Moreira & Ribeiro (2018), o Brasil tem dificuldade de registrar todos os casos que seriam concluídos como automutilação, ou suicídio devido a diversos aspectos como vergonha, religião, entre outros. Contudo, as bases de dados administrativas nos dão um vislumbre dos números mais reais. Ainda assim, seria ingênuo crer que toda a mudança se deu por meio de maior taxa de registro. Sendo assim podemos partir para outra questão: quais mudanças foram significativas na subjetividade dos indivíduos nestas primeiras décadas do século XXI? De imediato, é impossível não pensar na internet e nas redes sociais como fator de maior impacto. A revolução tecnológica dos meios de comunicação modificou quase completamente o modo como vemos e nos comunicamos com o mundo (Alves, 2018), e certamente sua maior área de cobertura foi entre os jovens e adolescentes. Além disso, houve toda uma mudança na própria cultura, em função e a favor deste fácil acesso a outras pessoas e informações. O mundo se tornou pequeno, mas as distâncias entre as pessoas parecem ter ficado maiores. Se, antigamente, os fones de ouvido e os livros eram capazes de nos afastar do mundo “real”, hoje um clique é capaz de realizar tal tarefa por muitíssimas horas a mais, com dezenas de imagens, vídeos, danças, conteúdo infinito de todo o globo, conteúdo filtrado, escolhido a dedo para ser postado e que mascara a realidade da vida como ela é: falha, imperfeita, e com erros. Esta vida entre-telas intensifica um sentimento típico da

modernidade, o de insatisfação (Calligaris, 2000). No mundo capitalista em que vivemos, que preza a competitividade, a superioridade, é devastador se deparar com o quão insignificante o indivíduo pode ser perante tantos outros que surgem no seu *feed* do *instagram*, *twitter*, *facebook*, *tiktok*, entre tantos outros. Soma-se a isso as possibilidades que as redes trazem consigo, tais como cyberbullying, uma prática de humilhação do indivíduo através de celulares, ou computadores e que, diferente do bullying na escola, torna-se muito difícil de se desvencilhar (Pereira; Macedo; Farias, 2013).

O modo de nos relacionarmos também se modificou nestas últimas décadas, e o mundo hoje é veloz e imediato - tal como um adolescente. O que vemos são relações incapazes de suprir às vezes o mínimo de contato. Falas sobre rotina, tarefas e o que deverá ser realizado durante o dia tomam o pouco tempo que se tem. Contudo, aquilo que se mescla ao subjetivo acaba ficando externo à própria relação, nos moldes de mini-robôs projetados para o desejo capitalista de nos distanciarmos daquilo que nos têm feito humanos até este ponto da história. Segundo Durkheim (2016, p. 371) “*enquanto a sociedade não muda, o número de suicidas é o mesmo*”, o que me traz a questionar duas linhas de pensamento principais: 1) tendo seu escrito sido realizado no final dos anos 1800, e tendo conhecimento de como aumentamos nosso ritmo de vida no último século, seria o avanço de tempo da sociedade tão veloz a ponto destas taxas de suicídio aumentarem tão rapidamente devido ao momento social em que estamos? Ou 2) estaríamos passando por este período de oscilação não justificada onde sem maiores mudanças veríamos um decréscimo do número de óbitos por esta causa nos próximos anos? Bom, vamos lá:

1. Na época em que o escrito de Durkheim estava sendo desenvolvido iniciaram-se algumas das atividades que mudariam o ritmo de vida das sociedades ao redor do globo, algumas invenções como o telefone e o automóvel poderiam diminuir o tempo utilizado para comunicar uma mensagem, ou para chegar a um local, ambas foram oficialmente desenvolvidas por volta de uma década antes da publicação da obra. A sociedade descrita pelo autor inclusive possui dados ainda mais antecipados na história, datando de 1870, ou anteriores. Isso significa que neste momento havia toda uma dinâmica de comportamento social lenta, de acordo com os parâmetros atuais, para mudanças na moda, literatura, ou artes ocorrerem demoraria todo um percurso a cavalo, ou trem, e essencialmente a comunicação era dada através de jornais (Alves, 2018). As mudanças sociais previstas por Durkheim estavam baseadas neste modelo e, por consequência, é de se esperar que, com o avanço das tecnologias, principalmente a

de informação, esse ritmo se transformasse a um nível onde uma mudança social pudesse se concretizar mais rapidamente. A velocidade na qual nos baseamos hoje é infinitamente superior ao final do século XIX e junto a ela - em razão dela - o mundo se atualiza diversas vezes. Contudo, isso não diz respeito necessariamente aos valores sociais. É através da cultura e da disseminação de informação que ocorrem essas alterações relacionadas aos modos de vida. As redes sociais são capazes de, em uma década, potencializar processos geralmente lentos. É perceptível como, por exemplo, os direitos da população LGBT atingiram um grau de mudança e importância incomparável com vinte anos atrás. Dito isso, existiria a possibilidade de algo de maior escala como a adolescência se modificar tanto nessas últimas décadas a ponto das taxas de suicídio aumentarem? Podemos pensar nisso pela ótica das possibilidades que a tecnologia mudou a dinâmica das relações. O contexto permite um acesso mais fácil a jovens com os mesmos hobbies, nas redes também é onde é aceito desabafar sobre as mais variadas coisas, desde como está se sentindo até sobre uma opinião acerca de um filme. Contudo, também possibilita o contato com quem não dispõe das mesmas opiniões, essas muitas vezes estimulam um comportamento autodestrutivo pela via da ofensa, ou até mesmo para um adolescente já inclinado a matar-se lhe dão dicas de como fazê-lo (Pereria; Macedo; Farias; 2013). Como já citado anteriormente o cyberbullying surge como mecanismo de inferiorização nesse modelo de vivências que se sobrepõe à escola, tida até então como espaço dessa prática.

2. A outra possibilidade levantada é de que estaria acontecendo uma mudança potente o suficiente para alterar momentaneamente as taxas de suicídio, mas que estas não encontrariam longevidade e diriam respeito somente em relação a esse período de tempo que estamos vivendo. Em relação a essa afirmativa trazida por Durkheim, podemos igualmente refletir que as modificações tecnológicas foram realmente de potência gigantesca, nosso modelo de vida é outro, nossa velocidade é outra. Contudo, seguindo a lógica de Durkheim ainda assim os valores básicos da sociedade seriam essencialmente os mesmos, ainda vivemos em uma sociedade que pune a morte e o roubo, baseada na escrita e centrada no humano, não mais em algum Deus. Sendo assim, não estamos tão distantes dos princípios da época de Durkheim. A ascensão de um grupo de pessoas, como anteriormente citados os LGBT, não invalidaria o fato de que ainda se preza a liberdade dessas pessoas estarem vivas e atuando na sociedade, ainda que possuam menos direitos na prática.

É válido afirmar que existiram mudanças realmente significativas a ponto de alterarem as taxas de suicídios nas últimas décadas. Porém, é impossível neste momento afirmar se essa taxa seria resultado de uma transformação social gradativa, ou se haveria um retorno aos dados tidos como normais, ainda que haja um indicativo de que estas mudanças são mais impactantes, podendo realmente alterar valores e relações.

E como são os suicídios na atualidade? Eles seriam classificados segundo o modelo Durkheimiano? Originalmente, a maior parte dos dados foram classificados como correspondendo ao modelo egoísta, no contexto da sociedade vitoriana, ocidental e europeia. Segundo o autor, isso ocorreria porque o individualismo estaria se sobrepondo ao poder de integração social. Sendo assim, os indivíduos não estariam sob a dependência da sociedade e poderiam decidir o destino de suas vidas sem se sentirem em dívida tão grande com essa instituição. “O individualismo excessivo não tem por resultado apenas favorecer a ação das causas suicidógenas, mas é, em si mesmo, uma causa desse gênero” (Durkheim, 2016, p. 249). Esse trecho retirado da obra do sociólogo já demonstra a potência do individualismo como fator de risco social para o suicídio. Ao longo do século XX, esse individualismo foi incentivado como processo de evolução do capitalismo, principalmente após a segunda guerra mundial. Ainda que houvesse movimentos sociais surgindo com bastante impacto e frequência, ainda havia na sociedade um movimento de disputa, competitividade e concorrência. O avanço tecnológico e a velocidade para transmitir informações favoreceram um modo de vida, como já dito incapaz de manter relações para além do necessário. Nossos laços pessoais enfraqueceram, então seria justo pensar que também nosso contato com os laços sociais seguiram a mesma via. Sendo assim, iria já apostar no primeiro tópico dos dois postos acima, ou seja, de que houve sim uma alteração no modo como a sociedade se comporta; contudo, o que realmente teria ocorrido seria um incentivo ainda mais fortificado para o individualismo, o que daria maior brecha para suicídios egoístas nas sociedades capitalistas ocidentais, ainda que essas tenham desenvolvido mecanismos adaptativos de proteção social (Moreira & Ribeiro, 2018).

Ainda que possamos chegar neste resultado seguindo os caminhos funcionais do suicídio egoísta e sua relação com a individualização, há estudos que apontam para outro caminho. Segundo Ribeiro & Moreira, (2018), o individualismo não seguiria um efeito linear em relação aos suicídios nas sociedades contemporâneas, ou seja, dado certo ponto da progressão o próprio social trata de incorporar medidas protetivas, estabilizando as taxas, ou

até mesmo reduzindo-as. O próprio Durkheim já citava que a sociedade teria mecanismos de autorregulação de seus suicídios, demonstrando como ao longo de décadas os números oscilavam, porém nunca se elevavam, ou reduziam a um certo número. Sendo assim, os autores vão na direção de reconhecer no mundo atual as mesmas capacidades de manter um nível mínimo de segurança social. Com isso, uma questão se coloca: até que ponto é possível assegurar um mínimo de segurança, considerando métodos de prevenção? Se o próprio suicídio possui em si mecanismos de regulação seria possível alterar este número até que ponto? Os números nas últimas décadas, como já citado, têm aumentado ano a ano, com algumas irregularidades, e se tornou um problema de saúde pública, principalmente na América do Sul.

Ao redor do globo, conseguimos perceber a existência de uma média de suicídios maior do que a nossa. Contudo, nas demais regiões as taxas têm seguido uma tendência de redução, o que traz um alerta vermelho para o Brasil e os países ao redor para esta problemática (Moreira & Ribeiro, 2018). Segundo a OMS a média mundial das taxas de mortalidade por suicídio em 2015 era de 10,7 para cada 100 mil pessoas, nas Américas em geral situava-se em 9,6 e na Europa em 14,1. A média brasileira no ano de 2019 era de 6,65 suicídios para cada 100 mil pessoas, segundo o boletim do ministério da saúde do país. Esse número é bem inferior à média das Américas, ainda que haja aumento da taxa nos últimos anos. O mesmo boletim nos traz os dados de que, em 2010, essa média estava em 5,24 para cada 100 mil habitantes. Portanto, ocorreu durante o período um aumento de 43% no número total de mortes por este motivo. Desses dados, deduz-se que o Brasil está em uma posição de risco em que a autorregulação das taxas ainda não ocorreu como na Europa e demais regiões, onde esses números são mais do que o dobro da média brasileira. Há diversas iniciativas que buscam impedir o aumento que vem ocorrendo, entre elas podemos destacar o setembro amarelo e o centro de valorização da vida (ccv). Ambos dão apoio voluntário tentando desafogar o fluxo de casos que cresce mais rápido do que os serviços especializados conseguem lidar, porém ainda enfrentam diversas barreiras, pois para que haja o auxílio é necessário um contato do próprio intencionado à morte, o que não necessariamente ocorre. Aquele que busca o serviço ainda mantém certa dúvida quanto ao que fazer, essa brecha é a possibilidade de trabalho. Entretanto, aqueles que já estão a um nível fraco de conexões sociais não conseguem manter o mínimo desejo de vida, nisso há as perdas. Os números ainda apontam um aumento bem maior na faixa etária entre 15 e 29 anos, as taxas tiveram um acréscimo de 81% em 2019 em relação a 2010, partindo de uma taxa de 3,5 mortes a cada 100 mil pessoas para 6,4 no final da década.

Quando colocamos o recorte de gênero em pauta é possível observar uma diferença mais do que significativa, com a taxa de suicídios brasileira ficando em 10,72 a cada 100 mil para homens enquanto a mesma para mulheres permaneceu em 2,85. Esse resultado representa um risco quase quatro vezes maior para as pessoas reconhecidas como homens do que para mulheres, ainda que não haja um recorte sobre cisgeneridade e transgeneridade, o que seria essencial para compreendermos como essas populações enfrentam o problema. O relatório não nos informa sobre possíveis causas, somente os números são repassados para que futuros trabalhos os utilizem como base oficial, e portanto confiável, de dados brutos sobre suicídios no Brasil. Contudo, é questionável até onde podemos utilizá-los como referência, visto que há facetas desta questão que não nos são informadas, tal como gênero no que tange à diferenciação de pessoas cis/trans. É preciso manter uma criticidade necessária ao relatório, porém é inegável que nele possuímos dados etários interessantes para repensar o modo como estamos tratando e prevenindo o suicídio entre os jovens adultos e adolescentes. O tabu relacionado ao suicídio impede uma conversa ampla sobre o assunto. Ainda que o objetivo seja prevenir e conscientizar, há uma barreira impeditiva bem grande na sociedade, uma das possíveis razões é como as pessoas veem a morte e as questões relacionadas a ela. Durkheim, em seu texto, afirma que uma parte do motivo pelo qual o suicídio é tratado de maneira tão repulsiva, inclusive sendo passível de pena criminal no século XIX, é devido aos resquícios ainda trazidos da vida como bem divino. Por outro lado, existe a vergonha causada nos familiares, a sociedade vê como uma falha das redes de proteção que não puderam ser suficientes para amenizar o sofrimento daquele que escolhe retirar a vida, ignorando, é claro, que o fenômeno é multicausal e não é apenas uma parcela da situação, como os pais, que vão ser capazes de impedir. Além disso, é demandar uma percepção e um olhar diferenciado para uma população cujos ensinamentos e ritmo de vida não são focados em observar os outros tampouco em conseguir notar diferenças sutis como essas que ocorrem, especialmente porque são falas que poderiam ser ditas em situações diversas. Se o tabu e a própria configuração de sociedade impede que as pessoas próximas consigam servir de rede de proteção seria interessante que os serviços de saúde, principalmente aqueles com foco em saúde mental, se dispusessem a servir de porto seguro para eventuais situações, porém não necessariamente é o que ocorre. Há, de fato, o reconhecimento do problema e a sociedade direcionou um trajeto focado no cuidado para com esse tema a partir de uma obra, o seriado *13 reasons why*, ou treze porquês na tradução, que nos traz a história de Hannah Baker, uma adolescente estadunidense que deixa uma fita de áudio para cada um dos que ela considera serem os motivos de sua escolha por se matar. Essas razões tomam forma e direção, os acontecimentos

estão ali, e a narrativa nos leva a incorporá-los nos indivíduos que tiveram relação com a morte da adolescente. Sendo assim, deixam de ser motivos anônimos e são revelados na forma acusatória de quem partiu. Os treze porquês seriam somente mais um seriado e talvez não conseguisse alcançar o tamanho do debate que gerou se não fosse por uma das últimas cenas do último episódio, onde Hannah, já decidida a retirar a vida, corta-se com uma lâmina. A cena explícita e angustiante, por si só, causa uma repulsa que nos causa espanto, nos convida a assistir, porém “de canto de olho”. O que se assemelhou quase a um tutorial de suicídio foi visto com muito receio por autoridades de saúde mental, profissionais de diversas áreas como educação e pelos pais que se aproximaram da cena no decorrer da polêmica. Afinal, se o suicídio é capaz de um efeito mimetizante - efeito Werther<sup>1</sup>, qual o risco que uma cena como essa poderia causar na mente de jovens que já sabemos possuir taxas de mortalidade crescentes na última década? Seria esse evento um dos exemplos citados por Durkheim como anomalias normais dos dados? O caso de Hannah nos fez repensar, ou pensar seriamente pela primeira vez em vários anos, como tratar desse tema no audiovisual sem acarretar um perigo para aqueles que assistem.

*13 reasons why* não nos conta somente de um suicídio, é a narrativa das treze fitas escutadas e interpretadas por Clay Jensen, seu colega de escola, que nos fazem criar uma relação com a moça morta e nos capta em sua história. Não é nem somente sua versão, é a revisão via outra pessoa cujos sentimentos por Hannah nunca estiveram em zona neutra. A trama perpassa diversos conhecidos da adolescente, desde aqueles por quem ela manteve sentimentos amorosos, passando por amizades mal resolvidas, relações com os pais com quem mantém pouca proximidade, chegando até a passar por uma questão de abuso sexual. O seriado de certo modo nos demonstra as relações que a jovem mantinha com a sociedade, vemos uma criação e deterioração dos vínculos afetivos ao longo das fitas, cada pessoa com quem ela manteve contato foi perdendo-se, Clay rastreia esse trajeto em uma espécie de cruzada vingativa, ou investigativa. É difícil compreender exatamente os pensamentos do jovem a princípio, porém o que ele deseja é trazer justiça, demonstrando como o sistema escolar é falho em captar o que se passa com alunos. Contudo, o que Clay realiza é a busca que as pessoas que perdem alguém por razão de suicídio tentam, entender o que realmente levou a pessoa amada a ir sem possibilidade de negociação, sem perceber é claro que havia ali uma adolescente possivelmente em intenso sofrimento psíquico e com diversos filtros de uma realidade que o jovem jamais seria capaz de enxergar. Hannah não se foi somente por uma das treze razões, ela estava à beira de um precipício há certo tempo e os laços sociais não faziam mais sentido capaz de assegurar sua permanência na vida, não havia mais justificativas para

que ela suportasse as situações que vinham ocorrendo. Após uma série de relações desfeitas e violências sofridas, a não ouvida Hannah parte para enfim encontrar espaço para sua voz, é a partir da ausência que ela recebe presença. A comoção ao redor da cena do suicídio, atualmente deletada da versão final, nos demonstra o medo do desconhecido que as pessoas possuem em relação a esse assunto, o tabu incorporado no suicídio é incapaz de conceber que há a possibilidade de dialogar sobre ele em obras de maneira didática, a fim de desmitificar e prevenir, e considera-o um risco fatal por si só. A própria Organização Mundial da Saúde em seu documento de 2000 intitulado *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* desconsidera a diferença entre os tratamentos médico, pedagógico e artístico acerca do tema.

Hannah é somente uma de tantas histórias de suicidas ficcionais que nos são contadas na arte, e de maneira incongruente com os dados estatísticos, pois afinal há muitas mais narrativas que partem de jovens moças, ainda que tenhamos visto que a taxa de mortalidade em homens é incrivelmente superior. Por que a arte popularizou esses pontos de vista mesmo que não sejam friamente realísticos? Por que é mais fácil para os criadores e público aceitarem essas obras?

## Adolescência: O rito de passagem esvaziado

A adolescência é um período da vida que possui definições incertas, é utilizado um critério puramente temporal, ou se deve considerar o processo psíquico atrelado ao desenvolvimento? Para os que buscam jurisdição provavelmente, bastará o primeiro. Para aqueles que buscam compreender o processo do adolescer e suas problemáticas de maneira isolada ao cunho burocrático, o segundo critério será o caminho. Porém, esse é um debate que ocorre há pouco, afinal, a adolescência como a conhecemos surgiu há pouco menos de um século, e as questões que ela traz consigo na atualidade são ainda mais recentes, devido à revolução tecnológica. Adolescência é para muitos uma etapa da vida difícil de ser assimilada e suportada, não pelas dificuldades postas em responsabilidades e deveres, mas sim pela moratória, como nos diz Calligaris (2000), em que os jovens transicionam pela vida sem espaço dedicado a si, impedidos de serem crianças, porém impedidos também de serem adultos. A adolescência é um quintal onde ao cair percebe-se o muro pelo qual se pulou, alto demais para retornar, e ao tentar pular o próximo alguém lhe puxa impedindo seu avanço por considerar perigoso demais sair deste novo espaço, não à toa muitos adolescentes classificam

esse período da vida como angustiante, ainda que aos outros que chegam agora nesse quintal são dadas palavras em prol de aproveitar esse tempo. O fenômeno da adolescência hoje segundo a Organização Mundial da Saúde é compreendido como a etapa do desenvolvimento que abarca as pessoas entre 11 e 19 anos e é desencadeado a partir das mudanças corporais (Ferreira, Nelas, 2016). O conceito adolescência foi criado no início do século XX por Stanley Hall e se deu a partir das mudanças sociais e culturais advindas da revolução industrial que fizeram com que as famílias modificassem sua visão acerca das etapas da vida e vissem a adolescência como um período específico, um interlúdio entre a infância e adultez. Entretanto, como é possível identificar um sujeito socialmente adulto? Esta é uma questão que possui incertezas, mas que podemos tomar segundo Ferreira e Nelas (2016) como um sujeito capaz de suportar a independência frente às figuras parentais, de possuir valores morais próprios e que fazem sentido para sua vida, que conseguiu construir uma identidade para si e que seja capaz de manter relações maduras para com outras pessoas. Como todas essas situações são subjetivas é muito difícil definir adequadamente um momento etário onde se consideraria o término da adolescência.

O período que é dado a esses jovens considerados adolescentes é tido pelos adultos como de preparação para uma vida adulta a vir, ou seja, é um cuidado a fim de protegê-los enquanto não são considerados capazes de lidar com responsabilidades e questões da vida adulta (Dias, Vicente, 1981). O problema é que não se pergunta a esses novos ingressantes do quintal o que eles acham da situação, eles acabaram de sair de um local conhecido e caem em um outro, esse não tão convidativo já que tudo é tão distante do conhecido. Contudo, as histórias que ele ouviu falar sobre o quintal da frente são ótimas, então ele parte em direção e é impedido de seguir, é uma situação um tanto complicada, no mínimo haverá uma irritação que se transformará em desprezo por não ser compreendido e um motim contra aqueles que o prenderam ali. Tento utilizar de outra metáfora para traçar o mesmo caminho que Calligaris (2000) realiza no início de seu livro "*A adolescência*", ou seja, a que ao jovem somente parece um impedimento sem cabimento, ele se sente capaz de seguir em frente, mas não pode, daí se presume que esse processo não seja de fácil passagem. Segundo Mário e Diana Corso (2017) ... "Sempre houve e sempre haverá conflito entre pais e filhos, pois é algo estrutural, os filhos sucedem aos pais, e ninguém entrega o bastão da corrida da vida facilmente. O conflito será acentuado se houver diferenças de valores entre uma geração e outra." Ainda assim a sociedade aceitou essa nova fase e, após a segunda guerra mundial, ela se estabelece como possibilidade mercantil, formando-se nos moldes como a conhecemos hoje, os adolescentes dessa época se formam a partir de outro ponto de partida, não mais como os personagens

heroicos que lutaram e sobreviveram à segunda grande guerra, e sim como protagonistas de uma outra subjetividade com foco em objetos tidos como fúteis (Corso & Corso, 2017).

Essa nova juventude toma corpo e integra-se no imaginário coletivo com auxílio do filme “juventude transviada” de 1955. Nele vemos o ator James Dean interpretando seu último papel como o jovem Jim, nele também temos a moça Judy, Natalie Wood, em uma história que nos traz um quadro geral de como essa parcela da população era vista no pós guerra. A narrativa nos indica diretamente na cena inicial os protagonistas, Jim, Judy e o solitário Plato, o primeiro representante de uma masculinidade que ainda estando em um momento de transformação permanece buscando sua forma hegemônica, a segunda representando uma nova posição das mulheres, porém mantendo-se no estilo de sua época, e o último que afastado dos pais e cuidado majoritariamente por uma governanta está em uma posição de desamparo social, sem posição e fora de todas as hegemonias masculinizantes. Além de nos apresentar quem são, a cena toma como função a introdução das problemáticas dessa juventude que buscou experienciar o mundo de outro forma. Jim tem um encontro embriagado com os pais no juizado de menores, um pouco antes Jim demonstra certo cuidado para com o jovem solitário, mas com a chegada dos pais parece não compreender qual a função deles ali, no decorrer da cena questiona ao pai que está entrando na brincadeira do adolescente “você me acha engraçado?” como forma de questionar não somente a situação, mas ele em si, tenta encontrar alguma referência os quais não o escutam realmente, seu incômodo não encontra vazão para com essas figuras, é então direcionado a Ray, um supervisor do local que fecha a porta fisicamente, pois metaforicamente já estava, e abre a possibilidade de uma conversa com o jovem. Uma figura adulta capaz de suportar os sentimentos conflituosos do garoto e que busca ativamente qual o problema dele. Jim é parte da geração que nasceu um pouco antes da segunda grande guerra e viu homens consagrados pela batalha e coragem, porém o que vê em seu pai é um retrato de um homem subjugado à esposa, sem capacidade de esboçar sua virilidade, sua masculinidade, no sentido normativo, e disso parece resultar seu incômodo com a palavra “maricas”, a qual alguns outros jovens o chamam a fim de causar desconforto. Já Judy passa por outras questões, ela não está submetida à feminilidade datada da época anterior, ela possui maquiagens mais chamativas e formas de agir que já parecem indicar a futura revolução de gênero, ela não é a moça submissa, porém o custo é o tratamento por seu pai que não parece admitir tal comportamento, não à toa na primeira cena solo da protagonista junto ao supervisor uma de suas falas é “ele deve me odiar”, fala essa que supõe dúvida, possibilidade do não ódio, todavia imediatamente após recebe contornos de certeza, “ele me odeia”. É nítido o

sofrimento da garota necessitada do amor do pai, para si ele a olha como “a coisa mais feia do mundo”, e não há como tal processo não ter um peso de sofrimento em um período de transição. Já Plato parece viver uma adolescência diferente de Jim, ainda que os dois compartilhem a estranheza típica de sua geração perante a anterior, ele não parece conseguir investir muito de si nele mesmo, fica à mercê da governanta que toma a palavra quando essa lhe é dirigida, e responde firmemente quando perguntado a razão de ter atirado em filhotes de cachorro: "ninguém é capaz de me entender", Plato nesta fala se aproxima dos adolescentes que vemos hoje, o mundo é incapaz de compreender aquilo pelo que estão passando, ou ao menos assim o pensam os jovens que passam por este processo.

Os dois protagonistas masculinos partem de problemáticas semelhantes, porém seu ambiente familiar se diferencia, enquanto Jim possui pais que não compreendem o que demanda o filho e o mudam de cidade a fim de buscar um local onde ele possa fazer amizade Plato não possui rede além da governanta que ainda tentando ser uma figura de cuidado não possui toda a independência sobre o garoto. Jim tenta se compreender adulto se diferenciando da figura paterna, demonstrando que é homem no sentido hegemônico, arriscando a própria vida em prol dessa verdade, a corrida à beira do penhasco que resulta na morte de outro adolescente, um rival, demonstra a necessidade de validação, ele “sente-se em queda livre diante de uma família incapaz de enfrentar qualquer situação da vida real sem fugir” (Corso & Corso, 2017), direciona-se essa fala mais diretamente ao pai que não consegue encarar nem a mãe do garoto nem o filho como sendo responsável pelas próprias atitudes.

As questões adolescentes pós segunda guerra então se fixam na cultura, porém coincidências fizeram com que o filme encontrasse relações entre si e a realidade firmando ainda mais o modelo de juventude. James Dean, Jim no filme, morreu em um acidente de automóvel no ano de estreia da obra, Dean de certo modo estava representado no personagem por ser um adolescente do pós guerra, e o fato de ser uma estrela em ascensão na indústria faz com que os holofotes guardem na história ao menos seu nome e sua mais conhecida atuação em juventude transviada.

A adolescência não se constitui como processo individualmente, é resultado do movimento pelo qual a infância se modificou, sendo vista pela sociedade por outro prisma. O modernismo traz consigo um outro lugar para as relações sociais, e para a existência do sujeito, nela pré-institui-se uma necessidade de estar insatisfeito (Calligaris, 2000), os adultos buscam se sentir completos através de um período que não retorna, a infância, e depositam nas crianças a esperança de conseguirem dar continuidade aos sonhos não realizados. É através disso que o autor nos diz que a infância é uma promessa e os pequenos são herdeiros

desses desejos adultos deixados para trás. Essa configuração de desejos faz com que as crianças sejam vistas como seres belos, puros e maravilhosos, e tenham amor depositado em si, é assim que os adolescentes chegam para poder encarar sua vez no mundo, sendo os receptáculos das expectativas mais altas dos pais, tendo que liderar a continuidade dos sonhos adultos, no sentido da realização destes, entretanto o jovem não se contenta nem quer isso, e isso contribui para sua visão de que são “rebeldes” sem motivo, afinal, a eles é dado todo um aparato social para poderem treinar sua adultez ao longo de anos. A fase da adolescência é certamente idealizada pelos mais velhos que a tem como um momento de felicidade, essa expectativa não chega até aqueles que estão passando por esse processo, pois eles não somente possuem essa responsabilidade de carregarem consigo os desejos da geração anterior, como são privados da plena realização da vida, “não podendo usufruir do mesmo modo do amor, do sexo e da própria circulação pública, sem autonomia se comportam como estranhos em um mundo pré estabelecido do qual não fazem parte” (Corso & Corso, 2017). A adolescência, portanto, é tida pelos adultos como algo necessário como percurso imediatamente seguinte à infância. Aos adultos cabe acreditar que a próxima geração irá seguir seus caminhos, e os adolescentes conseguem perceber tais mecanismos mesmo que de maneira inconsciente, e questionam.

Na obra de 1971, *ensina-me a viver* (Harold and Maude, no original) o jovem Harold encara esse dilema da transição entre as vidas juvenil e adulta enquanto aprende sobre a vida de dois modos, pelo de sua mãe e o de Maude, uma senhora de setenta e nove anos que encarna um modo de viver adolescente. Ainda que os jovens de cada época tenham a tendência a identificar-se com os desejos secretos dos adultos (Corso & Corso, 2017), o garoto Harold parece não notar nem os desejos adultos nem os seus próprios, o mundo lhe carece de sentido e é somente ao encontrar Maude em velórios de desconhecidos, aos quais os dois frequentam, que ele inicia sua experimentação de uma vivência para além de sua atuação suicida perante a mãe. Essa mulher, que encara os episódios suicidas de Harold como nada extraordinário, tenta de vários modos o incorporar a uma vida tida como conceituada. Tenta trocar seu carro, o que não consegue, pois logo o garoto o transforma em uma junção do novo com o antigo modelo, tenta fazê-lo encontrar uma pretendente, porém Harold está tentando encontrar seu próprio meio de viver e encena novos suicídios que acabam por amedrontar e expulsar as moças. Sendo assim, desvencilha-se dos desejos da mãe enquanto encontra com Maude os motivos pelos quais vale a pena viver a adultez. O que não fica esclarecido aos adultos que encaram a nova geração é que esses jovens não estão sob seu controle, no filme Harold está sob controle de si, é capaz de investir seu tempo e vigor para modificar um

automóvel, soldando peças, desmontando outras, porém sua mãe somente consegue enxergar um jovem impossibilitado de seguir o trajeto tanto desejado por ela, ele criou sua autonomia, vai a velórios sozinho, desobedece lógicas de autoridades junto de Maude e descumpra as regulações previstas até então pela sua vivência, é possível dizer que *Ensina-me a viver* expressa o processo do adolecer de Harold que só encontra vazão a partir do momento em que vislumbra uma outra forma de adulez que o encanta e seduz. À mãe somente lhe cabe perceber que o garoto pode ter alcançado esse ponto da vida bem por causa de seus cuidados, contudo, isso não influi nenhuma capacidade de o manter vivo na adolescência, a partir de então essa se torna escolha dele (Corso & Corso 2017).

A adolescência contém diversas problemáticas como algumas já citadas anteriormente, a construção de uma identidade independente, apropriação de valores e despejo de outros, incertezas sobre sua posição no mundo, entre outras. Calligaris (2000) nos diz em seu livro que a adolescência é a fase da inquietação. A perda do corpo, e por consequência da imagem infantil que servia como base até então da constituição do sujeito, faz com que o adolescente passe por uma fase de luto em relação ao que ficou no passado. Isso se soma ao fato do corpo adulto ser vislumbrado, porém não permitido de ser utilizado em sua totalidade; o jovem precisa lidar com esses dois lados sem conseguir resolver propriamente nenhum deles. Essa dinâmica forma um sujeito inseguro de si e de seu lugar no mundo. A partir disso tenta encontrar aqueles que se assemelham, se nem a infância nem a adulez lhe cabem sobre o refúgio de todo adolescente: seus pares. Por isso, essa é uma fase onde os amigos são a relação mais forte, é a partir deles que o jovem encontra chance de testar suas novas identidades e em bando questionar as normas pré estabelecidas dos mais velhos, o olhar de reconhecimento que não é encontrado nos adultos é procurado nos da mesma idade, pois eles acreditam entre si serem suficientes sem a influência dos adultos, o que acaba transparecendo aos últimos como uma espécie de insubordinação (Calligaris, 2000).

Nas obras que abordam a adolescência os contatos com pares são tópicos sensíveis, seja por eles serem extremamente importantes na narrativa pessoal das personagens, vide *13 reasons why*, seja por estarem ausentes, o que também é sintomático de como os próprios adultos veem o período, ou seja, como necessário de presenças semelhantes. Em obras que tratam de jovens solitários é perceptível como o isolamento é causador de inquietação. No longa *As vantagens de ser invisível* o protagonista Charlie é um garoto tipicamente quieto, cuja maior socialização se dá por meio de cartas que escreve endereçadas a um destinatário invisível aos espectadores, e que se ampara bastante na cultura através de livros por onde pode mergulhar em universos mais interessantes e vastos de possibilidade do que sua vida

sem acontecimentos. É a partir do encontro com outro adolescente, Patrick, em um momento em que ele destaca-se, por uma brincadeira com o professor, que Charlie vê uma possibilidade de relação com outro. A partir dele há um investimento emocional e uma inserção em um grupo de pessoas desconhecidas, mas que todavia possuem pontos em comum, essencial para uma formação grupal principalmente na adolescência. Junto a esses novos amigos se dispõe a experimentar aquilo que antes não era possível. A cena mais icônica do filme nos leva a Charlie viajando de automóvel junto de Patrick e sua meia-irmã, Sam, escutando uma música marcante para aqueles jovens isolados e auto suficientes, ali naquele momento transgridem a norma adulta de que são necessitados e incapazes de viverem sem auxílio dos mais experientes, a infração serve para esses adolescentes como a maneira mais firme de reconhecimento entre si, e uma das maiores condutas desobedientes é mostrar-se capaz de viver sem a presença adulta regulando-o.

Entre os adolescentes é comum vermos aqueles vestidos inteiramente de preto com cordões simbolizando diversas coisas, e camisetas de rock, ou aqueles com cabelo sempre penteado de determinada forma e colorido, ou ainda aqueles que se unem por um estilo do momento, em suma, adolescentes parecem captar e utilizar tais informações para se unirem entre si formando os laços confiáveis. Contudo, essas representações vistas como positivas para aqueles são vistas com desconfiança e certa perturbação pelos adultos, a eles lhes parece o cúmulo da cafonice, um desperdício do potencial infantil do sonho não realizado, e segundo Calligaris de certa forma pode sê-lo. Segundo o autor, esses modos de vestir-se que vão contra ao instituído pela cultura adulta pode significar uma espécie de medida protetiva contra uma sexualidade ainda incapaz de ser lidada, o corpo infantil recém abandonado ainda jaz no inconsciente, e às vezes até mesmo no consciente, desses jovens que agora se veem necessitados de provar sua desejabilidade a fim de declarar sua adulez, ou mostrarem-se dignos de tal título. Porém, essa demanda é complexa e o jovem escolhe que, se for para ele não ser desejado ainda, ele o fará por escolha própria, afinal se não o aceitam como adulto em todas as outras esferas, por que nessa seria diferente? E, em um jogo lúdico com o corpo infantil, transforma em uma brincadeira a sua vestimenta enquanto vai na direção oposta aos desejos adultos, a roupa torna-se ato de rebeldia em si. Na nossa cultura pudemos observar esse fenômeno nas calças coloridas baseadas no grupo musical restart em 2010, onde muitos alunos nas ruas e escolas usavam, nos membros fãs da cultura de animes que usam roupas características dos desenhos, entre os clássicos já citados acima. Em minha própria vivência, lembro-me de usar roupas escuras, geralmente de bandas de heavy metal juntamente a colares com pentagramas, pulseiras com pequenos espinhos metálicos como uma forma de me

diferenciar dos adultos ao meu redor, em geral religiosos cristãos, então a tentativa de encontrar uma identidade própria que se amparasse nos meus colegas da escola seguia por esse caminho.

A adolescência é um estágio que se supõe em certa medida como um treinamento à vida adulta, contudo ainda que haja esses retratos culturais capazes de compreender esses jovens não parece que a sociedade adulta consiga lidar com suas próprias frustrações em relação a esse momento da vida, ao adolescente é posta uma direção a seguir, ainda que não dita. Enquanto precisa entender seu espaço identitário no mundo o adolescente enfrenta a saída de um período onde era completamente amado, e encara de longe a possibilidade de se igualar aos pais e outras figuras de autoridade.

## Masculinidade(s): O que basta para ser homem?

Dentro de minhas vivências como homem em diversos momentos me vinha a pergunta do porquê dos comportamentos serem de tal modo, ou de outros não serem vistos de maneira agradável, isso foi sendo levado comigo durante a infância e adolescência e nunca fazendo o sentido que consigo dar hoje. Afinal, por que seria errado brincar de boneca com as meninas, ou por que abraçar meu amigo seria passível de risadas? Foi a partir desses exemplos que percebi que havia uma maneira correta de ser considerado homem. O motivo pelo qual trago esse assunto como parte do trabalho é que em todas as regiões do mundo a taxa de mortalidade de suicídio a cada 100 mil habitantes é superior em homens do que em mulheres, tal como visto na primeira seção, e com o aumento gradativo dessa taxa nos jovens adultos e adolescentes vejo como necessário trazer a intersecção com o tema a fim de poder pensar a possibilidade de conexão entre as temáticas, partindo daquilo que vivenciei e me apoiando em obras tal como anteriormente me proponho a refletir.

A masculinidade é um conceito que começou a ser questionado com maior veemência a partir dos questionamentos feministas da década de setenta, com a revisão do papel da mulher na sociedade ocorreu uma necessidade dos homens reverem seu papel, adotando práticas antissexistas e notando a existência de hierarquias entre os diferentes modelos de masculinidades presentes até ali. Desse momento em diante começou-se a escutar os relatos de homens homossexuais que eram retrato prático da diferenciação e percebeu-se que a masculinidade tida como hegemônica era estatisticamente inferior às subordinadas Ainda que adotada por uma parcela pequena de indivíduos segue como normativa, “ela incorpora a

forma mais honrada de ser homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens.” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 245). A identidade pela qual é possível se perceber como um homem ou mulher não passa somente pela via corporal, para além dela existe uma série de comportamentos, um sistema de morais que são tomados com essa expectativa social de correspondência, e esses regramentos são diferentes para cada cultura (Bento, 2015), portanto irei me deter a comentar aquela à qual pertença, ou seja, a sociedade ocidental latinoamericana. Tendo em vista que essa normativa está presente no ambientes sociais, deduz-se que seja principalmente em casa e na escola no que tange aos adolescentes e diz respeito a um modelo de homem heterossexual, cisgênero, sexualmente ativo, produtivo e próspero economicamente, além disso se identificar como homem pressupõe a negativa daquilo que é feminino, porém basta, além de negar é preciso que haja uma inferiorização do ser feminino, ao adentrar nessa dinâmica misógina é aberta a possibilidade de participação na Casa dos Homens<sup>2</sup>. (Baéré, Zanello, 2020).

Desde a infância há uma série de falas e comportamentos requeridos daqueles que são identificados como homens, em minha experiência lembro-me do estranhamento dos adultos em relação a brincar de bonecas com meninas da minha idade, pois o cuidado não é um pré-requisito normativo, e o incentivo a aprender a jogar futebol. No filme *Juventude transviada* temos Jim buscando veementemente uma figura masculina clássica enquanto enraivece-se pela dominância feminina de sua mãe perante o pai, ao não encontrar isola-se da família se pondo na dinâmica de ser homem, é possível ver isso na briga com canivetes contra um rival, na corrida à beira do penhasco na qual arrisca-se a vida para poder viver essa dominância, esses pontos vão ao encontro do modelo hegemônico que torna a competitividade, o poder, a violência, a virilidade as normativas a serem seguidas (Bento, 2015, p. 90), por isso também são sentidas como tal, afinal, se existisse um pedido que não fosse escutado o problema não seria tão grande. O homem é tido como um ser que deve ser incapaz de demonstrar sensibilidade, afetos, pois aparentará ser fraco perante outros homens, afinal a validação social ainda que perpassa todas as camadas só encontra real olhar perante aqueles que detêm o masculino (Bento, 2015). Sendo assim, falas como “homem não chora” e a vazão emocional Jim sendo pela via física na sala do inspetor logo ao início do filme onde golpeia com socos a mesa fazem sentido.

Entretanto, como já relatado não é comum vermos demonstrações tão caricatas dessa masculinidade hegemônica, o que possuímos é uma série de masculinidades tidas como submissas que são postas à prova na relação social. A Casa dos Homens põe-se alerta dos

desvios e, ainda que não existam muitos, há uma regulação geral, no caso dos adolescentes isso ocorre principalmente no ambiente escolar nos casos de homofobia, e aproximação com o feminino (Baeré, Zanello, 2020). Jim de *Juventude transviada* não suporta a nomeação de “kitchen -maricas na tradução livre - e para se provar para o grande grupo formado de outros adolescentes homens se põe ao risco de morte na corrida ao desfiladeiro, determinado e inflexível, ao menos até o momento onde percebe o perigo tornar-se real. Sua disputa com canivetes tampouco alcança grau de periculosidade alto, ele se serve do desarmamento do oponente e encerra o combate, e sua relação para com Plato não circula por meio desta demanda, Jim quer uma referência de masculinidade predominante, porém ele próprio não exerce essa masculinidade. No seriado *13 reasons why* temos o estudante Bryce Walker, um típico retrato da masculinidade dominante, jogador, popular e com um status de superioridade perante os demais, logo no primeiro episódio da primeira temporada enquanto junto ao grupo de garotos populares da escola que estão vendo entre si uma foto íntima de Hannah tirada por Justin, o que por si só já seria uma atitude para se manter na Casa dos Homens, retira o celular da mão e espalha a fotografia para a turma. No caso de Bryce, tanto a prova da virilidade de Justin quanto a depreciação de Hannah são mecanismos de se provar como pertencente ao conjunto de morais hegemônicas, são elas que tornam possível a sua posição respeitável, ou ameaçadora, entre os outros garotos adolescentes.

As masculinidades submissas resistem na existência dos homens, Berenice Bento traz em seu livro uma série de relatos de homens cisgênero, heterossexuais, adultos, alguns com esposa, que não conseguem se ver no modelo hegemônico e buscam encontrar saídas através do processo psicoterapêutico, isso vai ao encontro do que já foi mencionado sobre a parcela masculina que realmente corresponde a esse modelo preponderante ser muito pequena. Ainda que não se vejam, ou não queiram se ver conseguem perceber em suas vivências indicadores da influência, como no relato de Carlos, um dos entrevistados para o livro, quando nos conta sobre a negativa da esposa para o sexo, segundo ele

aí eu acho que entra a questão do macho. Apesar de que essa figura, isso não está tão forte em mim, mas em determinados momentos, é como se desse aquele lampejo dele dentro de mim. Eu acho que mistura vários sentimentos que pinta nessa hora. Acho que é dela estar escapulindo; de eu não estar satisfazendo a ela, porque ela não tem o interesse. E aquilo lhe fere profundamente. É um sentimento assim de ficar chateado, com raiva... (Bento, 2015, p. 150)

Essa fala demonstra a necessidade de provar a virilidade masculina, ainda que haja um desconhecimento enquanto parte de si, quando nos diz sobre o “lampejo dele dentro de mim”

é como se essa demanda da masculinidade hegemônica viesse do externo, essa virilidade não é parte de si, contudo há momento em que toma conta, e isso provoca sentimentos de tristeza, afinal, ele nos diz “ficar chateado”. Em nossas vivências é possível encontrar respaldos que vão no mesmo sentido, por exemplo quando as figuras adultas masculinas acatam e incentivam os adolescentes a se relacionarem com garotas, no plural, sexualmente, enquanto às jovens se faz um impedimento promovendo uma castidade incompatível com o incentivo antes dado. É esperado que um homem tenha uma companheira e que ela o satisfaça, o campo sexual é espaço de reconhecimento na Casa dos Homens. Com o movimento feminista e suas diversas críticas ocorreu uma transformação ao longo das décadas do papel da mulher na cultura, enquanto décadas atrás havia figuras como Leia em *Star Wars: a new hope* sendo sexualizada com um traje que mostrava muito de seu corpo e sendo vendida como escrava há hoje exemplos como a capitã marvel, uma heroína tanto, ou mais poderosa que os personagens masculinos e que dispensa qualquer espécie de sexualidade em si. Os papéis masculinos disponíveis ainda remetem a homens despreocupados com o cuidado familiar, são focados em administrar a permanência de produtos físicos, porém não se envolvem com as relações emocionais e evitam pensar, na cultura brasileira podemos ver homer, dos “simpsons”, dino da “família dinossauro” (Bento, 2015). Segundo a autora haveria uma carência de modelos positivos de masculinidade, sendo assim a identificação com representações socialmente femininas seriam uma saída para alguns homens.

Uma das questões que são trazidas junto a essa ocorrência é que ao se identificar ao socialmente feminino há um rechaço por parte da masculinidade dominante, isso se deve a uma mescla entre gênero e sexualidade, o que não é um homem hegemônico é percebido como mulher e como tal deve ser parte do mecanismo da misoginia. Essa semelhança é trazida por Weeks e citado por Dinis e Santos:

O gênero (a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher) e a sexualidade, (a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais) tornaram-se duas coisas inexplicavelmente vinculadas. O resultado disso é que o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece algumas vezes, a suprema transgressão (Weeks, 1986:45)

Sendo assim não é somente sobre se reconhecer como parte de uma masculinidade submissa, mas sim incorporar na vivência atitudes e modos de se relacionar que possam ser detectados como feminilizantes, a partir de então o homem é tratado como possível ameaça à norma, um perigo a ser combatido, é nisso que a homossexualidade e a bissexualidade se

tornam alvos da investida masculina dominante, no caso de adultos com violência verbal e física, e nas escolas com adolescentes toma contornos de zombaria e bullying.

## Silêncios ensurdecedores

Tendo em vista toda a discussão acima realizada é hora de pensar as intersecções entre as temáticas e o que conseguimos retirar dos conceitos e sinais da cultura apresentados. Como vimos a adolescência é um período de construção de um sujeito incapaz de ser adulto e criança, onde forma-se a identidade junto aos pares enquanto se busca realizar desejos adultos não ditos, é um momento tido socialmente como feliz ainda que não seja reconhecido como tal pelos adolescentes, isso se comprova ainda mais quando vemos o aumento do índice de mortalidade por suicídio dos jovens entre 15 e 29 anos na última década, e chama a atenção o fato nenhum pouco inédito do número de adolescentes e jovens adultos mortos por essa causa ser superior em homens do que em mulheres. A adolescência é esse momento em que há o afastamento das figuras paternas e a busca pela tribo identitária onde seja possível dialogar as angústias da interdição imposta pelos adultos, mesmo aqueles que possuem poucas habilidades sociais se agrupam. Podemos ver esse movimento no longa *As vantagens de ser invisível* onde o jovem Charlie encontra outros com quem se relaciona mesmo que sua invisibilidade seja posta em cheque. Na questão que tange às masculinidades submissas isso se torna mais sensível, pois elas não são objetos palpáveis, o adolescente é um sujeito que está imerso em um processo de objetivações e subjetivações, por um lado não faz sentido para si entrar na lógica da masculinidade predominante, e por outro sente-se pressionado a ser de uma forma normativa para se enquadrar nos grupos aos quais possui chance de pertencer (Dinis & Santos, 2018). Um trecho do trabalho de Dinis e Santos onde há um relato de um adolescente exemplifica essa operação, ele nos conta: “com as meninas, já fiquei por pressão, já beijei por pressão. Eu fico com raiva de mim mesmo por não conseguir ser o que eu acho que deveria, de não saber ao certo porque me importo tanto com o que os outros irão pensar.” Há um sentimento que aflora e que é direcionado a si mesmo por falta de representação. O medo da exclusão é algo que torna o ambiente escolar, e principal meio social, dos adolescentes angustiante, pois há um objetivo ali: Não ser julgado como diferente, no caso dos garotos, não ser taxado de gay (Dinis e Santos, 2018). Contudo, esse enquadramento aos colegas acima da própria subjetividade cobra um preço, segundo Berenice Bento a impossibilidade do simples chorar, da fala e da afetividade torna-se extremamente opressor para os homens, pois isso afirmaria o seu lado socialmente feminino, essas demonstrações

trariam consigo inseguranças no campo emocional, e ainda que seu trabalho trate de homens adultos já próximos da meia idade é possível relacionar com os tormentos adolescentes, pois são uma continuidade de um mecanismo que afeta o todo social. No trecho destacado do trabalho de Dinis e Santos um jovem nos relata:

Eu sei que não deveria me preocupar e todo dia me digo isso, mas acabo fazendo tudo de novo; é uma busca constante pelo que eu nunca vou ser e isso me maltrata, pois eu sei que ser o que eu sou é mais correto. Embora saiba também que ser assim me traz outras crises devido às zoações. Elas certamente me fazem sofrer também. Eu sei que essas zoações são pela roupa que posso vestir, pelo jeito que posso estar falando ou pela forma que ando. (Dinis e Santos, 2018, p. 16-17)

Esses trechos nos apontam que a masculinidade hegemônica produz sofrimento em toda a parcela que não se encaixa naquilo que é necessitado, seja pela via de uma adequação que apaga a si seja pela via do bullying e da violência para o diferente. Sendo assim e tendo em vista o movimento adolescente de se agrupar aos semelhantes, possuir um espaço onde possa rir do mundo adulto enquanto apreende como ele funciona, é preciso refletir acerca desse não-lugar das masculinidades submissas e suas influências. O que se percebe é um percurso que segue na direção de esconder a identidade com a qual se sente mais confortável, o adolescente já percebe desde a infância que os códigos que utiliza não são apreciados e inicia uma atuação, crente da possibilidade de seguir sendo visto como participante da masculinidade hegemônica. Contudo, é a partir do encontro com espaços abertos ao não normativo que esse jovem realmente sente-se pertencente a um grupo, ainda que para alguns exemplos de masculinidade submissa não haja esse espaço tão aparente, como no caso dos adolescentes bissexuais. Considerando que as redes de apoio são fundamentais para o período e que sua falta é um fator de risco para o suicídio (Barrero, Nicolato & Corrêa, 2006) temos que esse esvaziamento social do lugar masculino não hegemônico pode ser tomado como possibilidade de perigo (Baeré, Zanello, 2020).

A demonstração de fragilidade sendo marca social do feminino torna-se difícil aos jovens conseguirem se esgueirarem entre o sentimento de solidão do não pertencimento e um pedido de ajuda, o fato de que a masculinidade preponderante demanda daqueles que estão sob sua alçada serem viris e determinados torna ainda mais perigosa a situação do risco de suicídio, o adolescente que se sente inadequado não somente tem uma rejeição social no momento onde os pares lhe são mais caros como a possibilidade da morte requer que ele vá até o fim do processo, afinal, se não consegue ser homem em tudo o mais ali há essa chance.

Há um processo mortificador da adolescência masculina, não é somente na consumação da morte que se faz presente uma razão, o suicídio tem seu desenvolvimento iniciado muito antes (Corso & Corso, 2017), desde que somos inseridos e identificados como homens e principalmente ao não nos sentirmos correspondendo ao modo normativo. Com a revolução tecnológica e a velocidade da disseminação de informação o filtro capaz de assimilar criticamente o que é consumido diminuiu, a *timeline* precisa ser vista rapidamente para manter a constância da novidade (Alves, 2018), a velocidade de consumo sendo o objetivo em si faz com que uma gama muito maior de conteúdos sejam acessados do que no passado, para a geração que nasceu vivenciando essa tecnologia essa experiência se faz de maneira natural, sem estranhamento, contudo como parte de uma mídia *social* ela manifesta aquilo que a sociedade rege, entre elas existem masculinidades tanto hegemônicas quanto submissas, porém a quantidade de exemplos pende a ser predominante para a normativa, se a absorção de conteúdo sem filtragem crítica, ou reflexão chega em adolescentes de maneira fácil a rede pode ser considerada junto à escola outro grande antro de possível sofrimento para os desviantes.

Ainda que os casos de suicídio entre homens sejam quase quatro vezes maior que o de mulheres em 2019, segundo o boletim epidemiológico do ministério da saúde brasileiro a representação que vemos na cultura não parece corresponder, há muitas obras que tratam acerca do suicídio feminino, entre elas a já citada *13 reasons why*, as virgens suicidas, aos treze (esse que flerta com o tema pela via da automutilação), porém poucas tratam do tema focalizado em garotos. Me parece que o silenciamento causado pela masculinidade normativa alcança até as artes, impedindo que figuras masculinas sejam tratadas com possível fragilidade, porém é necessário apontar as mudanças que vêm ocorrendo, as obras que citei anteriormente são de uma década, ou duas, com exceção do seriado de Hannah; na última década estão acontecendo mudanças sociais no tratamento às masculinidades submissas, uma maior quantidade de obras surgiram dando possibilidades identificatórias diferentes aos homens desviantes, sem considerar o tema suicídio temos *Sex Education*, seriado da netflix, onde vemos Eric, um garoto negro e assumidamente gay que não possui problema em mostrar-se diferente, o desvio da norma não é uma questão ali. No que tange ao tema temos *Yonlu*, um filme brasileiro que trata do suicídio assistido de um adolescente no ano de 2006, a existência desse filme nos aponta para uma possibilidade cultural e social de um debate acerca das fragilidades dos garotos adolescentes.

## Considerações finais

Tendo tudo isso em mente, creio que o trabalho tenha servido para refletir sobre possíveis motivações do suicídio adolescente de garotos ser maior e ainda assim silenciado. Nele pudemos analisar como a masculinidade possui um peso subjetivo que atraca o jovem a um modelo esperado e normativo que é encontrado em casa e na escola classicamente, porém que com o advento da internet se expande para as mídias virtuais e suas redes, e como esse regramento social causa sofrimento principalmente no período da adolescência onde essa presença e conexão com os pares é tão preciosa e necessária. Além disso, tentamos partir do princípio de que nem todo suicídio tem por motivação algum transtorno psicológico, e sim que a própria configuração social prevê uma parcela dessas mortes por razões de inconformidade social. Ainda assim, há recortes que ficaram desassistidos, como a adolescência masculina negra, e as que envolvem contornos fora da cisgeneridade. As inovações tecnológicas e o ritmo da sociedade colocam ali uma dificuldade para esses jovens no que tange a percepção crítica dos conteúdos vistos e compartilhados, isso faz com que haja uma transmissão dos valores hegemônicos masculinos e uma pressão social imperceptível para a velocidade com que a *timeline* se move. Por fim conseguimos perceber que o tema das masculinidades parece ser um tabu tão grande quanto o próprio suicídio, pois a cultura, ao menos a audiovisual, não aparenta conseguir narrar as histórias desses garotos e seus sofrimentos. Talvez seja valioso para escolas e profissionais que lidam com esses jovens começar uma investida no olhar para os possíveis sofrimentos causados por esse regramento doloroso para tantos e tantas adolescentes.

### Notas:

- (1) Efeito Werther: Conceito desenvolvido pelo sociólogo David Phillips em 1974 para referir ao poder de influência do suicídio perante outros indivíduos. Recebeu esse nome devido ao romance de Wolfgang von Goethe onde o protagonista, Werther, se suicida, e logo após uma onda de casos de mortes semelhantes ao do personagem ocorreram, ao que se creditou ao romance (Cesar, 2017, p. 34)
- (2) Casa dos Homens: Conceito de Daniel Welzer-Lang que diz respeito ao conjunto de ambientes monossexuados, masculinos, onde se pratica a misoginia nos sentidos de negar a feminilidade e a inferiorizá-la a fim de se sentir pertencente a esse espaço ( de Baére, F., & Zanella, V. (2020).

## Referências bibliográficas

- de Baére, F., & Zanello, V. (2020). SUICÍDIO E MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE POR MEIO DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES. *Psicologia Em Estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>
- Santos, W. B., & Dinis, N. F. (2018). Violence and suicide risk in the construction of teenage masculinities. *Cadernos Pagu*, 2018(52). <https://doi.org/10.1590/18094449201800520018>
- Cicogna, J. I. R., Hillesheim, D., & Hallal, A. L. de L. C. (2019). Suicide mortality among adolescents in Brazil: increasing time trend between 2000 and 2015. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68(1). <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000345>
- Ribeiro, J. M., & Moreira, M. R. (2018). An approach to suicide among adolescents and youth in Brazil. *Ciencia e Saude Coletiva*, 23(9), 2821–2834. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.17192018>
- Martins Alves, D. (n.d.). *Capítulo 5 A VELOCIDADE NA COMUNICAÇÃO: QUESTÕES DE EMISSÃO E RECEPÇÃO NA SOCIEDADE DA CIBERCULTURA* CAPÍTULO 5 A VELOCIDADE NA COMUNICAÇÃO: QUESTÕES DE EMISSÃO E RECEPÇÃO NA SOCIEDADE DA CIBERCULTURA.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DURKHEIM, E. **O suicídio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- CORSO & CORSO, M. & D. **Adolescência em Cartaz: Filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2017
- Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. Volume 52. Nº 33. Set. 2021
- CONNELL, R.W. MESSERSCHMIDT, J.W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013
- CESAR, R.G.F. **O SUICÍDIO NO CINEMA: Os filmes de ficção e o problema da prevenção**. Rio de Janeiro, 2017. 163 p. Dissertação ( Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências... Adolescentes... *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, (32), 141-162.

- Bento, B. O homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2015